

HAROLDO DE CAMPOS E HERBERTO HELDER: A ANTROPOFAGIA COMO CRIAÇÃO POÉTICA

Geovanna Marcela da Silva Guimarães
(UFPA)¹

Orientadora: Profa. Dra. Izabela Guimarães Guerra Leal
(UFPA)²

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir o sentido que o conceito de Antropofagia, desenvolvido por Oswald de Andrade em 1928, possui nas obras poéticas de Haroldo de Campos (1939-2003) e de Herberto Helder (1930-). Para isso, a antropofagia será concebida, em termos poéticos, como uma forma de apropriação violenta da tradição, no sentido de que ela irá encenar uma desconstrução do cânone universal. Haroldo de Campos e Herberto Helder propõem uma releitura crítica e criativa da tradição, sendo que o ponto principal de análise é a demonstração de como a antropofagia pode ser entendida como instrumento de criação poética.

PALAVRAS-CHAVE: Haroldo de Campos. Herberto Helder. Antropofagia. Tradição. Poesia.

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste trabalho é propor um diálogo entre dois poetas contemporâneos, cujos trabalhos são marcados pela criação e inovação. Haroldo de Campos e Herberto Helder possuem papéis importantes no panorama da poesia contemporânea, pois dedicaram parte do seu trabalho criativo à constante renovação da poesia, ressaltando que a linguagem poética vai muito além do senso comum e que a poesia não é simplesmente a descrição de paisagens e sentimentos, mas é também uma reflexão sobre a própria escrita. É comum vermos ensaios e artigos de literatura, tais como o de Rui Torres, “Camões transformado e remontado: o caso de Herberto de Helder” (2006) que se valendo de outro ensaio, *Outrora agora: relações dialógicas na poesia portuguesa de invenção* (1993) de Maria dos Prazeres Gomes, aproxima a proposta de tradução como criação e releitura da tradição de Haroldo de Campos à tradução e releitura poética desenvolvida por Herberto Helder. Sendo que essa

¹ Geovanna GUIMARÃES. Universidade Federal do Pará (UFPA). Emai: geovanna_marcela@yahoo.com.br

² Izabela LEAL. Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: izabelaleal@gmail.com.

aproximação entre os dois poetas feita por Torres tem como intuito explicar a poesia herbertiana, mais especificamente, a poesia experimental portuguesa, a partir das teorias haroldianas, associando os conceitos de transcrição e plagiotropia ao trabalho poético herbertiano, numa forma de mostrar a desconstrução da tradição empreendida pelo poeta português. Entretanto, ainda não foi realizado um trabalho que estabelecesse uma ponte de convergência entre os dois autores como forma de mostrar que os projetos poéticos de Haroldo de Campos e o de Herberto Helder são semelhantes no que tange à releitura/desconstrução da tradição. Nesse caso, é importante ressaltar que essa convergência, desde o início, implica numa diferença, uma vez que cada poeta ao fazer sua releitura e renovação da tradição, o faz de modo particular e específico que, na maioria das vezes, está ligado ao processo de tradução poética – muito importante para a compreensão do trabalho de criação desenvolvido por ambos – pensada como diálogo entre línguas, culturas, literaturas e autores.

O estabelecimento de um diálogo poético entre Haroldo de Campos e Herberto Helder, a partir da discussão antropofágica, não poderá deixar de lado o papel que a tradição representa para os projetos poéticos de ambos, pois a antropofagia, além de ser um processo de devoração violenta do outro, é também o diálogo do passado com o presente, representado pelo poeta e pela tradição. É o que veremos, no caso de Herberto Helder, em poemas como “O Poema”; “Amor em Visita”, “Elegia múltipla” e “Teoria Sentada” e em alguns fragmentos de *Os Selos* (1979) e de *Os Selos, Outros, Múltiplos* (1990). Com essa observação é possível fazer uma primeira constatação: a antropofagia em Campos e Helder possui um valor ideológico diferente, que reside no fato de que em Campos a antropofagia assume também um caráter político, uma vez que ela será uma ferramenta que proporcionará o diálogo entre o universal e o local, enquanto que em Herberto Helder ela possui uma configuração muito mais pessoal da criação de uma poética própria ou de idioma poético próprio.

A antropofagia como criação poética em Haroldo de Campos está intimamente ligada à discussão do lugar da literatura brasileira no cenário literário universal e na visão da antropofagia como sendo a arma da “contraconquista”³. Nesse sentido, a

³ ¹ Termo utilizado por José Lezama Lima em *A expressão americana* (1988) para designar o processo de mestiçagem presente na formação cultural latino-americana.

antropofagia haroldiana é coletiva, uma vez que ela questionará o lugar de uma nação, de um povo dentro do cenário literário universal, e não no lugar do poeta dentro deste cenário, ao contrário da antropofagia herbertiana, que por ser individual é muito mais radical e destruidora, evidenciando que a principal diferença entre as obras poéticas dos dois poetas é a tomada da antropofagia não apenas como trabalho estético, mas também como trabalho

político. Se atentarmos bem, notaremos que essa diferença é nitidamente marcada pela nacionalidade dos dois poetas: Haroldo de Campos é brasileiro e Herberto Helder, português. Segundo Haroldo de Campos, a antropofagia é essencialmente a instauração de um cenário literário onde as ditas nações periféricas não serão mais vistas como “menores” ou “inferiores”, mas, sim, como “iguais” perante as nações ditas “superiores” ou “desenvolvidas”.

Antropofagia em Haroldo de Campos

Em “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira” (2010) e “Só a antropofagia nos une” (2002), respectivamente, de Haroldo de Campos e de Maria Cândida Ferreira de Almeida, observamos o caráter político da antropofagia quando, na sua revalorização nas décadas de 60 e 70, esta ideia é usada como instrumento cultural de combate à industrialização e à modernização dos países globais ou de primeiro mundo que viam os países latino-americanos, despossuídos de todo o aparato tecnológico e econômico, como atrasados ou, mais categoricamente, subdesenvolvidos. A discussão que se dá em relação a essa determinação gira em torno do fato de que se tratando das nações latino-americanas, o termo subdesenvolvimento saiu da esfera estritamente econômica e tecnológica para adentrar a esfera cultural e literária. Resumindo, o termo subdesenvolvimento, que se restringia apenas ao meio econômico-tecnológico, estendeu-se às produções culturais, tornando economia e cultura o reflexo uma da outra.

Segundo Octavio Paz em “Invenção, Subdesenvolvimento, Modernidade” (1996) e “A revolta do futuro” (2013), essa junção entre economia e cultura, a partir do termo subdesenvolvimento, ocorre por causa da ambiguidade que o termo comporta,

pois ele não possui uma significação exata nem na antropologia e nem na história, sendo somente usado por economistas e sociólogos, acabando por originar generalizações indevidas, tais como: a determinação de que existe apenas um parâmetro de civilização em detrimento da existência de outros e a visão da progressividade retilínea da história, no sentido de que se não há mudanças históricas, não haveria o recomeço do ciclo da história, mas sim o seu fim. Para Paz, é preciso lembrar que não existe uma única civilização e que em nenhuma cultura o desenvolvimento é linear e progressivo, pois a “história desconhece a linha reta” (PAZ, 2013, 32.). Nessa perspectiva, a busca incessante pelo desenvolvimento é uma “desenfreada carreira para chegar mais cedo que os outros ao inferno” (PAZ, 2013, p. 32.).

Ao afirmar isso, o autor demonstra sua total descrença no termo subdesenvolvimento, imputado aos países latino-americanos, pois ele pressupõe uma relação de causa e efeito entre “prosperidade econômica e excelência artística” (PAZ, 1996, p. 135.).

A antropofagia representa uma possibilidade de desconstrução dessa relação de causa e efeito ao mostrar que os países latino-americanos, apesar de não possuírem o mesmo poder econômico dos países globalizados, são capazes de produzir/criar uma cultura forte e nova. A devoração do legado cultural estrangeiro é um traço de ruptura, pois o estrangeiro é “transvalorado” e “transsubstanciado” de maneira crítica e seletiva na estética latino-americana. É o que diz Haroldo de Campos:

A “Antropofagia” oswaldiana (...) não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma “transculturação”; melhor ainda, uma “transvaloração”; uma visão crítica da história como função negativa (no sentido de Nietzsche), capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução (CAMPOS, 2010, p. 234-235).

Para Ferreira de Almeida, a devoração pressupõe uma relação com a alteridade, e o próprio Oswald de Andrade já destacava o papel do “outro” na constituição do “eu”, o que acarreta a inclusão do “diferente” dentro do discurso hegemônico “que se propunha desde o século XIX a ser branqueador” (FERREIRA DE ALMEIDA, 2002, p. 123). O diferente, que antes era visto como “abominável”, agora ganha status de produção criativa: o “eu” diferente latino-americano se apropria do “outro” europeu para se constituir.

A delimitação político-estético da antropofagia na obra poética haroldiana engendra uma discussão da formação da literatura brasileira e latino-americana no cenário literário universal. Para exemplificar isso, tomemos como base o ensaio crítico “Tradição,

Transcriação, Transculturação: o ponto de vista do ex-cêntrico” (2013) em que Haroldo de

Campos afirma que a literatura brasileira, assim como toda a literatura latino-americana, nasceu sob o signo do barroco. Entretanto, ele afirma que a concepção de nascimento não é aquela que determina a ligação “placentária” e, muito menos, “sanguínea” que ligaria eternamente barroco e literatura brasileira. Se assim fosse, estaríamos insinuando que a literatura brasileira teve sua origem no barroco, coisa que Haroldo de Campos descarta completamente ao enfatizar que a “literatura brasileira não teve origem no sentimento genético, embrionário-evolutivo do texto, pois não teve infância (...)” (CAMPOS, 2013, p. 198). O barroco já chega às Américas trazendo códigos universais rebuscados e evoluídos, fazendo com que a literatura brasileira já nascesse adulta. É por este motivo que Haroldo de Campos, ao tratar da questão do “nacionalismo” literário brasileiro, defende a ideia de que não podemos considerar a nossa literatura como sendo fechada e monadológica.

Desde o barroco, ou seja, desde sempre, não nos podemos pensar como identidade fechada e conclusa, mas, sim, como *diferença*, como *abertura*, como movimento dialógico da diferença, contra o pano de fundo do universal. Nossa entrada no palco literário é, desde logo, um salto vertiginoso na cena do barroco, ou seja, uma articulação diferencial com um código universal extremamente sofisticado (CAMPOS, 2013, p. 198).

Haroldo de Campos conclui que não podemos conceber nossa identidade cultural segundo os parâmetros de unidade e pureza, mas sim como diferença, uma vez que nascemos sob o signo do barroco. A questão do barroco como formação da literatura latino-americana estará presente na seguinte afirmação feita pelo autor em “Minha Relação com a Tradição é Musical” (2010), entrevista concedida em 1983 a Rodrigo Navarres, “(...) o dispositivo barroquizante é algo que tem, para mim, uma importância decisiva no modo latino-americano de apropriar-se criativamente do passado” (CAMPOS, 2010, p. 261-262). É com a tomada do barroco como fundação e

como diferença que a consciência nacional latino-americana terá início. Para Haroldo de Campos, “a incorporação da tradição, por um escritor latino-americano, se faz (...) pela ‘lógica do terceiro excluído’, ou seja, pela lógica expropriatória e devorativa do *ex-cêntrico*, do descentrado” (CAMPOS, 2010, p. 261). Afirmação esta que nos leva à questão do subdesenvolvimento já discutido.

Antropofagia em Herberto Helder

Em Herberto Helder, a antropofagia pressupõe uma relação com a alteridade que envolve autor, texto e leitor, num movimento que leva ao desvendamento do lado selvagem do homem. Sangue, garras, unhas e boca terão voz numa violência poética que transformará completamente aquilo que conhecemos. A devoração do outro é a base da criação poética, onde o essencial será a produção de um idioma poético próprio. O artigo

“A “antropófaga festa: metáfora para uma ideia de poesia em Herberto Helder” (2009) de

Ana Lúcia Guerreiro analisa os doze poemas do livro *Antropofagias* (1971), pensando o caráter individual e subjetivo da antropofagia herbertiana como um processo crítico de si mesmo. É uma antropofagia que constitui um sujeito, e não uma nação, pondo em diálogo o poeta, seus antecessores e seus leitores, no que representaria uma partilha espiritual – estritamente ligada à poesia e à linguagem – entre aquele que escreve e aquele que lê. Além disso, a antropofagia herbertiana é marcada pela relação de amor e ódio entre poeta e tradição, caracterizada comumente pela figura da mãe, onde ambos estão em constante embate. Embate este que causa a morte do poeta e o silenciar de seu canto. O passado é metaforizado como sendo a musa, o canto, a mãe, que levam o poeta para o desconhecido e a solidão. É também o lugar dos mortos que chamam, do mundo das sombras, o poeta:

Alguém se debruça para gritar e ouvir em meus
vales o eco, e sentir a alegria de sua expressa
existência. Alguém chama por si
próprio sobre mim, em seus terríficos
confins.
E eu tremo de gosto, ardo,
consumo o pensamento,
ressuscito

dons esgotados (...) Escrevo o que bate em mim – a voz fria, a alarmada malícia das vozes, os ecos de alegria e a escuridão das gargantas lascadas. (HELDER, 2006, p. 167)

Neste trecho do poema “Teoria Sentada” que faz parte do livro *Lugar* (2006) há a representação do momento em que o poeta é chamado pelo passado, “Alguém” – que pode ser interpretado como sendo a encenação da figura dos mortos –, para que cante o que já foi esquecido e silenciado, recebendo em mãos a responsabilidade de ressuscitar “dons esgotados”. O esquecido e o silenciado na tradição podem ser vislumbrados nas línguas primitivas, concebidas como fonte originária da linguagem humana. Por isso, é possível dizer que Herberto Helder, quando traduz poemas de povos primitivos ou faz releituras de clássicos da tradição, está em busca dessa língua de origem, ou melhor, dessa voz universal, que interliga o poeta, a tradição e a poesia. Tal compreensão obtida com a leitura do poema herbertiano nos faz ver que a atitude do poeta perante a tradição dá a ver uma descontinuidade poética, num processo em que há a rejeição da tradição por meio da destruição de textos, poema “2.” de *Exemplos* (2006), e a aceitação das musas, do canto e dos mortos – figuras representativas da tradição – que chamam por ele:

Eu abaixava-me e tomava como nos braços essa criança ignota.
E porões enchiam-se de água, eu seria em breve um afogado. Tudo me inspirava nessa noite abrupta, entre o começo e o fim do mundo. Como pode um coração absorver tanta matéria, tanta inocência da terra?
Se era uma criança, sua vida circulava indecisamente; se eram os mortos a distância tornava-se infinita. Apenas minha força se dobrava um pouco, e um novo calor corria nas palavras adormecidas e degelava as mãos que se cobriam de um sentido impenetrável (HELDER, 2006, p. 36.)

Já a destruição dos textos é uma forma de Herberto Helder nos dizer que não quer ser visto como um poeta seguidor de uma determinada influência, ao mesmo tempo em que ele sabe que faz parte de uma. Em “Herberto Helder e os Dispositivos de

Diálogo Cultural” (2013), Izabela Leal pensa os procedimentos poéticos de Herberto Helder, como a citação direta e indireta de textos alheios e os seus trabalhos de tradução como:

uma proposta que apenas problematiza a própria ideia estanque de um passado morto e de uma tradição fixa e congelada, mas também pressupõe uma visão calcada na ideia de descontinuidade, de reconfiguração permanente, de interrupção no curso da história (LEAL, 2013, p. 203).

No caso de Herberto Helder, segundo Leal, é preciso se pensar numa “não-tradição”, levando-se em consideração o surgimento de um modelo de literatura mundial marcado pela fluidez, no sentido de que este modelo comportaria toda a descontinuidade e a desconstrução da poesia herbertiana. É Herberto Helder, seguindo o seu padrão descontínuo, quem escolhe suas influências, seus precursores, num processo que caracteriza um provável projeto de poética sincrônica, mas que Leal (2013) prefere chamar de “afinidades eletivas” (p. 205). No fragmento “A poesia pode também ser isso” do livro

Os selos a afirmação “Devoro a minha língua” caracteriza não somente um canibalismo, mas também uma autofagia: o poeta devora a si mesmo. A poesia aparece como um ritual, ou melhor, um batismo em que o poeta é purificado e abençoado com o dom da linguagem poética. O que dará a ele o poder de falar de todas as coisas de forma inesperada e surpreendente.

Em “Devoro a minha língua” está contido este processo simultâneo de antropofagia-autofagia-canibal, pois a devoração da língua representa a devoração não apenas de si, mas também da linguagem, pois a língua a que o poeta remete não é simplesmente o órgão humano, é a língua materna constantemente representada pela figura da mãe ou, como está no poema, da madre. É o que podemos ver em outro texto de Leal,

“No reino das mães: notas sobre o poético em Herberto Helder” (2008), que afirma que o embate entre poeta e língua materna/mãe para criação de um idioma próprio é necessário à formação do poeta que não se daria sem uma “certa dose de violência (...)” (LEAL, 2008, p. 127). Na busca pelo seu idioma poético – aquilo que o distingue dos demais – o poeta se insurge contra a língua materna, sua mãe que o acolheu tão

afetuosamente em seu seio.

Essa insurreição, por parte do poeta, é oriunda do desejo de amadurecimento que ele nutre em relação à poesia, ao seu fazer poético, tornando-se perante a língua materna o “Filho intratável”. Filho este que devora sua própria mãe, enquanto ela morre:

Devoram-me enquanto
morro até aos núcleos do
ouro
na sombra.
Um dia tocaram-me nos centros doces e
abrasados vi que os espelhos
se moviam entre os polos, os rostos
enfeixavam-me no meu rosto arco a
arco numa única matéria.
E a dor? À noite bebo água quieta,
durmo, as chamas desatam-se.
E é com isso que sonho, imagem às faíscas, o
sítio selvagem mas
suavíssimo, absoluto.
a imagem inabitável que eu habito, um
dom. (...)
Porque são **filhos vivos da minha água**
vibrante, do meu fôlego, mão a mão dos raios
de quando adormeço. (HELDER, 2006, p.
472.)

Neste fragmento de *Os selos, outros, últimos* (2006) a mãe, apesar de estar sendo devorada pelos filhos, não demonstra nenhum ressentimento contra eles, ao contrário, demonstra serenidade e resignação. É como se ela soubesse que essa devoração fosse necessária para que eles amadureçam, pois somente assim o seu dom, que está escondido nas profundezas das águas, será descoberto. É possível perceber na poesia herbertina que a figura da mãe está intrinsecamente ligada à figura da água, sendo que uma possível explicação para isso residiria no fato de que mãe e água são metáforas para vida e energia. Com isso, concluímos que a antropofagia herbertiana visa a uma criação poética de sentido estritamente pessoal, onde as metáforas para a devoração da tradição são múltiplas, porém todas apontam para a necessidade de manter o que há de mais essencial na poesia: a inspiração, a linguagem e a criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convergência antropofágica existente entre Haroldo de Campos e Herberto Helder é a compreensão da antropofagia como instrumento de seleção crítica para a criação de uma poética que renega os padrões estabelecidos pela tradição em prol da valorização de obras e autores esquecidos por ela, caracterizando, desta maneira, um diálogo entre passado e presente, onde a crítica terá papel fundamental, pois a (re)visitação do passado pelos poetas terá como objetivo a busca de “novas” formas poéticas, estéticas e artísticas possíveis de serem atualizadas nas poéticas do presente. Haroldo de Campos dirá que a característica da arte do nosso tempo – isso em meados dos anos 70, mas que pode muito bem ser aplicado aos dias atuais – é que ela “é cada vez mais uma arte ‘metalinguística’, ou seja, uma arte crítica [onde] o poeta faz contínuas operações críticas” (CAMPOS, 1977, p.

74), o que nos faz ver que o trabalho poético empreendido por ele e por Herberto Helder é um constante processo de crítica e releitura da tradição. Trata-se de um minucioso trabalho de transformação da história por meio da linguagem, que em Haroldo é marcado pela crítica e pela reflexão e em Herberto Helder pelo desregramento e pela violência.

Para finalizar, a antropofagia, como releitura crítica e criativa do passado, não ocorrerá a partir de qualquer obra. Somente as obras com alto teor criativo, estético e poético serão relidas pelo fato de que elas servirão como fonte de reflexão para o presente. Para Campos e Helder, a mudança e a novidade são produzidas por um gesto antropofágico encenado como manifestação de uma tradição não estanque e convocadora, que de uma hora para outra, como uma revelação, chama o poeta apto para renová-la e ressignificá-la, pois é do passado que emerge o novo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPOS, Haroldo de. “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”.

In: _____. **Metalinguagem e Outras Metas**: ensaios de teoria e crítica. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 231-255.

_____. “Minha relação com a tradição é musical”. In: _____. **Metalinguagem e Outras Metas**: ensaios de teoria e crítica. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 257-267.

_____. “Transcrição, Tradução, Transculturação: o ponto de vista do *ex-cêntrico*”. In: TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici (Orgs.). **Haroldo de Campos – Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 197-205.

_____. “Aspectos da poesia de vanguarda no Brasil e em Portugal: Entrevista de Haroldo de Campos a E.M de Melo e Castro”. In: **Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana**. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 51-75.

FERREIRA DE ALMEIDA, Maria Candida. “Só a antropofagia nos une”. In: MATO, Daniel (Coord.). **Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas em cultura y poder**. Caracas: Clacso (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), p. 122-132, 2002. Disponível em: < <http://www.globalcult.org.ve/pdf/Ferreira.pdf>> Acesso em 05/01/2014.

GUERREIRO, Ana Lúcia. “A ‘Antropófaga festa’, metáfora para uma ideia de poesia em Herberto Helder”. **Diacrítica, Ciências da Literatura**, n. 23, v.3, p. 9-22, 2009. Disponível em: < http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacr%C3%ADtica_23-3.pdf> Acesso em 10/04/2014.

HELDER, Herberto. “A Colher na Boca”. In: _____. **Ou poema contínuo**. São Paulo: Girafa Editora, 2006, p. 7-100.

_____. “Lugar”. In: _____. **Ou poema contínuo**. São Paulo: Girafa Editora, 2006, p. 123-180.

_____. “Os selos”. In: _____. **Ou poema contínuo**. São Paulo: Girafa Editora, 2006, p. 437-465.

_____. “Os selos, outros, últimos”. In: _____. **Ou poema contínuo**. São Paulo: Girafa Editora, 2006, p. 467-480.

_____. “Exemplos”. In: _____. **Ou poema contínuo**. São Paulo: Girafa Editora, 2006, p. 301-314.

_____. **Poemas Ameríndios: poemas mudados para o português**. Lisboa: Assírio &

Alvim, 1997.

LEAL, Izabela. "Herberto Helder e os dispositivos de diálogo cultural". In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira: entre a periferia e o centro**. Chapecó: Argos, 2013, p. 203-219.

_____. "No reino das mães: notas sobre a poética de Herberto Helder". In: **Cadernos de Letras da UFF: Dossiê Literatura, Língua e Identidade**, n. 34, p. 127-138, 2008. Disponível em: < <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo8.pdf>> Acesso em: 08/01/2014.

LIMA, José Lezama. **A expressão americana**. Tradução Irleamar Chiampi. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAZ, Octavio. "Tradição da Ruptura". In: _____. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. "Invenção, Desenvolvimento, Modernidade". In: _____. **Signos em Rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996, p. 133-137.

TORRES, Rui. "Camões Transformado e Re-montado: o caso de Herberto Helder".

Revista Callema, n. 1, p. 58-64, nov. 2006.